

## Lucio Flavio Pinto

### História trágica

Pobres índios Arara.

Boa parte da opinião pública deve estar condenando-os, chamando-os de sanguinários, alguns até pedirão suas cabeças. Felizmente essa não parece ser a opinião do sertanista João Carvalho, ferido pelos índios e em recuperação no Hospital Belém. Pelo que disse à imprensa esse sertanista de grande passado, os culpados pelo ataque não são os índios: eles apenas estão reagindo a uma situação que nenhum "civilizado" suportaria sem antes causar grandes tragédias.

Nos seis ataques que realizaram a partir do momento em que a Transamazônica atravessou suas terras e desalojou-os de sua aldeia, os Arara mataram cinco pessoas (três funcionários da CPRM, um colono e um peão) e feriram quatro, todos funcionários da Funai. Mas centenas deles foram mortos neste século em autênticos massacres, comandados pelos exploradores dos seringais "civilizados", suportaria sem que eles levassem orelhas de índios.

Índio não ataca gratuitamente. Qualquer sertanista sabe disso. Os Parakanan reagiram à ferrovia que ligava Tucuruí (então Alcobaca) a Jatobal porque ela cortava seus campos de caça, de pesca, de alimentos. Foram mortos dezenas de índios por tropas da Polícia Militar comandadas por um sargento reformado que odiava os Parakanan, mas os índios nunca atravessaram o leito da ferrovia. Esse era, para eles, um limite sagrado a respeitar. Infelizmente os "brancos" não tinham conceito semelhante de honra. Os milhares de Parakanan que se espalhavam entre o Tocantins e o Xingu restringem-se hoje a poucas centenas, se muito.

A história dos Arara, embora pouco conhecida, é igualmente trágica (e haverá, para os índios, história que não seja trágica neste país e em quase todos os demais?). Eles conseguiram fugir à ofensiva realizada pelo SPI entre 1952 e 1960 para "pacificar" diversas tribos indígenas dos vales do Tocantins, Xingu e Tapajós, consideradas ameaçadoras à economia regional por defenderem suas terras, terras estas que continham seringais ou castanhais cobçados pelo "branco".

Fugindo dos seringalistas e donos de castanhais — e também do SPI — os Arara penetraram no interior da floresta arrasados por doenças, falta de alimento e mudança de ambiente. Fizeram sua aldeia a aproximadamente 100 quilômetros de Altamira e reiniciaram a vida. Foram surpreendidos pelas pesadas máquinas que abriam, em 1970, a Transamazônica: suas habitações, roças e pertences foram abandonados na fuga às pressas. Continuaram os Arara fugindo para o sul.

No início de 1971, um grupo de trabalho formado pela Funai (chefeado pelo falecido e saudoso antropólogo Eduardo Galvão, com a participação de mais três antropólogos do Museu Goeldi) reconheceu que os grupos ainda não pacificados que se encontravam na rota da estrada, "além de constituírem minoria, parecem não possuir a força agressiva então demonstrada pelos Kayapó.

E destacava que, naquele momento, "não se pode dizer que a economia tradicional da região e as novas frentes colonizadoras possam ainda ser seriamente perturbadas pela ação de grupos tribais. Inversamente, pode-se dizer que é maior a necessidade de encontrarem-se meios capazes pelo menos de atenuar os impactos que esses grupos provavelmente irão sofrer, em consequência do novo fluxo de penetração".

A observação tinha conteúdo profético. Nenhuma das medidas sugeridas pelo grupo, mesmo as de caráter geral, foram cumpridas pela Funai. O grupo sugeria, por exemplo, que a frente da Funai deveria se antecipar ao contato entre índios e pessoal da estrada, "no sentido que os trabalhos de atração dos grupos sejam feitos sem perturbação". Pedia "garantia e reserva de terras aos grupos indígenas" e que as terras dos índios deveriam ser "imediatamente demarcadas e registradas, a fim de evitar conflitos futuros sobre a posse das mesmas". Recomendava que o deslocamento de grupos tribais "somente deverá ser feito quando atingidos os aldeamentos desses grupos pelo percurso da estrada". No caso de deslocamento, alertava para a necessidade de serem alocadas terras "adequadas ao tipo da economia desses grupos, seja agrícola ou coletora, de modo que a nova localização esteja de acordo com seus meios de subsistência". Reivindicam o estabelecimento de postos de atração, "que permitam uma assistência permanente pela Funai a esses grupos".

Ler todo o documento significa verificar tudo o que não foi feito. E constatar que o realizado sempre dirigiu-se contra os interesses dos índios. Nem do elementar, que seriam informações atualizadas e permanentes sobre os índios da estrada, dispunha a Funai. Sequer pode o órgão garantir que seja realmente Arara o grupo com o qual está buscando o contato. Tudo indica que sejam os Arara mesmo. Mas podem ser Juruna. Só isso é suficiente para demonstrar a precariedade dessa ação de aproximação.

Os Arara são vítimas de ações criminosas deliberadas como as do passado, de má-fé e de incompetência. Pelo menos metade dos 400 mil hectares que o Inca entregou à Cotrijui, cooperativa que assentaria nessas terras duas mil famílias de colonos gaúchos trazidos de Ijuí, no Rio Grande do Sul, pertence aos índios, de fato e de direito. Mas o território indígena pode abranger toda a área, pois sabe-se pouquíssimo sobre os Arara. Ainda assim a transação Inca-Cotrijuí foi assistida de camarote pela Funai.

Reconhecido erro, tentou-se remediá-lo. De um lado interditando 160 mil hectares, depois de redução decidida pelo Presidente da Funai quando verificou que a usina Abraham Lincoln, lotes de colonos e a agrovila Brasil Novo haviam sido considerados territórios indígenas no primeiro decreto de interdição. E de outro lado intensificando as investidas das frentes de atração. Pressionados de todas as formas, os índios iniciaram um ciclo de migrações, mudando constantemente de local para fugir do contato. De 1976 para cá formaram nove roças e 10 acampamentos, numa indicação de seu completo desespero. Não estão podendo caçar, pescam pouco e não produzem os alimentos necessários à sua subsistência. Estão literalmente famintos. O que a civilização espera que eles façam? Até este ataque, os Arara estavam reagindo a agressões, mas se realmente eles estavam pintados ao se encontrarem inesperadamente com a equipe da Funai, então já mudaram de atitude: vão tomar a iniciativa de atacar também. E quem os pode condenar? O que os índios parecem querer mesmo é suas terras e a distância dos "brancos". Por que a Funai ao invés de insistir em "pacificá-los", simplesmente deixa os índios em paz e procura evitar que seu território seja invadido? Talvez seja menos custoso fazer o patrulhamento dos limites desse território pela Transamazônica, rio Iriri e laterais. E seguramente é mais justo, mais humano e mais civilizado.